



ISSN 2448-0215

Revista Tópicos Educacionais

E-ISSN: 2448-0215

revistatopicoseducacionais.ce@ufpe.br

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

Leonzi D'Alessandro, Sabrina

ENTRE REPETIR E INTERPRETAR: UM ESTUDO DA REESCRITA POR CRIANÇAS

Revista Tópicos Educacionais, vol. 24, núm. 2, julio-diciembre, 2018, pp. 24-40

Universidade Federal de Pernambuco

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672770877002>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Revista
Tópicos Educacionais

ISSN: 2448-0215 (VERSÃO ON-LINE)

**ENTRE REPETIR E INTERPRETAR:
UM ESTUDO DA REESCRITA POR CRIANÇAS**

**Between repeat and interpret:
a study of child rewriting**

Sabrina Leonzi D'Alessandro

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo –USP

sabrina.leonzi@hotmail.com

Resumo

Parte-se da análise de 4 textos-fonte e 116 textos produzidos por 29 estudantes de terceiro ano do Ensino Fundamental, aos quais foi solicitada a reescrita de obras previamente lidas. Cotejando os textos-fonte e as redações infantis, nossos objetivos são: a) Analisar as transformações em relação aos textos-fonte promovidas pelas crianças; b) Investigar de que modo essas marcas configuram indícios de autoria; e c) Verificar a possibilidade de relacioná-las ao repertório cultural dos alunos. Mobilizando o conceito de memória discursiva de Pêcheux, buscamos entender como os informantes, para além de conseguirem cumprir com os requisitos concernidos na reformulação parafrástica, se implicam no que dizem, se é que o fazem. Os gestos analíticos realizados nos auxiliam a perceber que movimentos recorrentes surgem nos textos dos participantes, entre eles a supressão de trechos aflitivos da história, a demonstração de afeto pelos seus personagens e o que parece configurar uma tentativa de aproximação do texto à realidade do aluno.

Palavras-chave: reescrita escolar; paráphrase; e autoria.

Abstract

It is based on the analysis of 4 source-texts and 116 texts written by 29 third year students of Elementary School, who were asked to rewrite previously read texts. Comparing the source-texts and children's essays, our objectives are: a) Analyze the transformations in relation to the source-texts promoted by the children; (b) Investigate how these marks are indicative of authorship; and c) Check the possibility of relating them to the student's cultural repertoire. Mobilizing Pêcheux's concept of discursive memory, we seek to understand how informants, in addition to being able to fulfill the requirements involved in the paraphrastic reformulation, are involved in what they say, if they do. The analytic gestures performed help us to perceive that recurrent movements appear in the writing productions of the participants, among them the suppression of distressing passages of history, the demonstration of affection for their characters and what seems to configure an attempt to approximate the text to the student's reality.

Keywords: school rewriting; paraphrase; and authorship.

Introdução

Essa pesquisa toma como objeto a reescrita de conhecidos textos ficcionais da esfera literária (como contos, lendas, mitos e fábulas), em âmbito escolar, por crianças de oito anos de idade e pertencentes ao terceiro ano do Ensino Fundamental I.

Em trabalho anterior (XXXXXX; YYYYYYYYYYYY, 2018, no prelo), um levantamento bibliográfico mostrou que a prática da reescrita em sala de aula ora é associada ao melhoramento dos próprios textos (FIAD, 2009; GUSSO; DALLA-BONA, 2014), ora é associada à reprodução de textos previamente escritos por terceiros (CAMPOS, 2008; NÓBREGA, 2011; FLÔRES, 2014; SANTOS; CAVALCANTE; LIRA, 2015). No primeiro caso, ela é fruto de trabalho pedagógico. No segundo, é encarada como recurso estratégico na fase de aquisição da escrita. Em um menor número de casos a reescrita está vinculada à apropriação, por parte de quem escreve, de fragmentos redigidos por terceiros (MARINHEIRO; BORGES, 2011).

No presente caso, trata-se de investigar os modos como alunos de uma escola pública estadual paulista reescrevem, em contexto de avaliação, textos previamente lidos por sua professora. A atualidade desse assunto se dá no âmbito das orientações fornecidas pelo Governo do Estado de São Paulo (BRÄKLING, 2013), segundo as quais as atividades autorais, em que os alunos produzem conteúdo, devem ser precedidas de exercícios de reescrita de textos de outrem, cujo foco, supostamente, ainda está na textualização.

No entanto, cumpre dizer que, mesmo em tarefas de cunho predominantemente parafrástico, a inventividade infantil pode irromper, como pretendeu-se destacar em Xxxxxx e Yyyyyyyyyy (2018, no prelo), quando a análise quantitativa de 116 reescritas em busca de operações sistemáticas da escritura (GRÉSILLON; LABRAVE, 1983; GRÉSILLON, 2007) calculou que os deslocamentos, os acréscimos, as supressões e as substituições aconteceram em 8, 51, 68 e 76 delas, respectivamente. Naquele momento, e também no que se segue, adotamos conceitos de paráphrase e de autoria que nos permitiram abordar o cenário de produção dos textos constituintes de nosso *corpus*.

Assim, no contexto específico desse trabalho, a reescrita de textos lidos por terceiros é concebida em termos de sucessivas reformulações parafrásticas (FUCHS,

1985), nas quais “o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo.” (p. 133). Em outras palavras, parafrasear determinado segmento não garante a mera reprodução de seu conteúdo, inclusive porque, dado o caráter polissêmico da linguagem, não se pode prever aquilo que será compreendido do texto lido e, consequentemente, o modo como ele será restaurado.

Nesse sentido, se reconhecermos a contradição própria da linguagem – estruturada entre a paráphrase, em que há reiteração do mesmo, e a polissemia, em que há produção da diferença (ORLANDI, 1996) –, a possibilidade de um ensino com vistas à conquista da autoria não pode ser negligenciada.

A esse respeito, se para crianças de, em média, 8 anos de idade não se aplica o conceito foucaultiano (1969) de autoria – isso porque os participantes de pesquisa não fundaram uma discursividade, ou não remanejaram um campo epistemológico –, cabe adiantar que algum potencial de rompimento com a palavra cotidiana evidencia-se na produção dessas crianças. Trata-se, então, de procurar por indícios de autoria (POSSENTI, 2002; 2013) na produção de escritores iminentemente criativos, que dão voz a outros enunciadores e mantém alguma distância do próprio texto.

A análise dos textos aqui pretendida considera, portanto, a sua subjetividade, a sua inserção em um quadro histórico que lhes confere sentido e, por fim, a possibilidade de que as inovações promovidas pelas crianças em relação ao texto-fonte desvalem um rudimento de estilo. Desse modo, ela procura investigar de que formas, para além de conseguirem cumprir com os requisitos concernidos na reformulação parafrástica, quando convidados a reescrever textos previamente lidos, alunos do Ensino Fundamental I se implicam no que dizem, se é que o fazem, em um processo de reordenação da palavra do outro.

Logo, através do cotejamento entre os textos-fonte e as reescritas dos participantes de pesquisa, pretende-se analisar as transformações promovidas pelas crianças e investigar de que modo essas marcas configuram indícios de autoria, verificando a possibilidade de relacioná-las, por exemplo, ao repertório cultural dos alunos e ao seu posicionamento frente ao mundo.

O processo de investigação

A turma na qual os dados foram coletados era composta por vinte e nove alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental de escola pública estadual localizada na zona oeste da capital paulista. Em 2016, quando os textos foram produzidos, a maioria deles tinha 8 anos e pertencia à classe média-baixa, segundo levantamento da própria escola. Com relação ao processo de aprendizagem e à realização das atividades didáticas, trava-se, na época, de um grupo relativamente homogêneo. As dificuldades mais comumente apresentadas pelos estudantes eram relacionadas à caligrafia, à disciplina, à adaptação ao tempo estipulado para cada tarefa e ao respeitar o seu comando. Raras eram as dificuldades relativas à alfabetização e à apreensão de conceitos.

O recolhimento do *corpus* se deu em estágio de 100 horas de observação na mencionada escola distribuídas ao longo de um ano letivo e descritas em diário de campo. Trata-se de 116 produções, frutos das avaliações trimestrais aplicadas em sala de aula, e dos comandos de prova elaborados pela professora polivalente responsável pela turma. Quando possível, foram também registradas as instruções verbais conferidas aos alunos. Após coletados, os materiais de pesquisa foram reproduzidos em meios eletrônicos. Termos de autorização para uso das produções em contexto de pesquisa foram elaborados, distribuídos a todos os alunos e, uma vez assinados por seus pais, recolhidos.

Os alunos tiveram, em média, o período de quatro horas para completarem cada avaliação. Ao longo do ano, eles foram expostos, aproximadamente a cada três semanas, ao mesmo tipo de exercício de reescrita, que consistia em ler (individualmente ou coletivamente, o que variava) um texto composto por cerca de três páginas, responder algumas questões dissertativas referentes a ele, participar da sua correção e, após a leitura em voz alta da professora – durante a qual muitas crianças se perdiam e pediam ajuda, alegando que a professora lia muito rapidamente e que por isso não reconheciam em que parte do texto ela estava –, reescrevê-lo do modo mais fiel possível ao original.

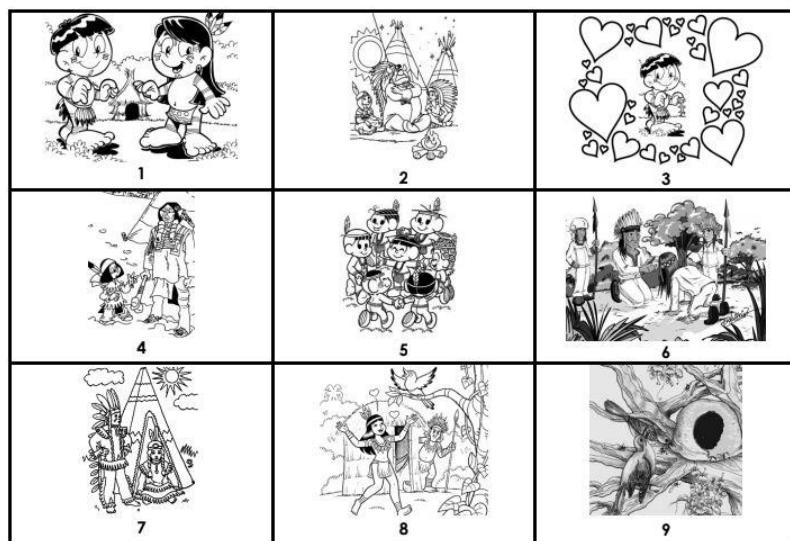
Por ocasião das quatro avaliações trimestrais que analisamos ao longo dessa pesquisa, sendo a primeira diagnóstica, o texto dado a ler era ligeiramente mais curto do que os utilizados nos exercícios rotineiros e a professora não corrigia a atividade de

interpretação textual em voz alta imediatamente antes de solicitar a reescrita, de modo que não era realizada a discussão oral sobre os fatos principais da narrativa.

Em vez disso, para orientar os alunos, uma sequência de imagens representativas desses eventos era distribuída. Acima da primeira figura, lia-se o objetivo da atividade – qual seja verificar a capacidade de escrever o título da história, respeitar a sucessão dos acontecimentos, organizar as ideias nas frases de maneira clara e coerente, produzir um texto com coesão, colocar ponto final no fim dos períodos, redigir corretamente as palavras de uso comum e apresentar letra legível – e a seguinte instrução: “Observe as cenas abaixo e reescreva a história respeitando a sequência. Não se esqueça de escrever o título.”. Um exemplo dessa sequência está reproduzido na figura 1, a seguir.

Figura 1: apoio visual para reescrita do texto “João-de-barro”

Fonte: material de pesquisa recolhido em sala de aula



As vozes do texto e os modos de reformular do sujeito

Considerando que a presente investigação se volta aos processos de composição de manuscritos escolares, cabe dizer que, embora seja comum, nesse cenário, solicitar às crianças que desempenhem atividades predominantemente parafrásticas – das quais não se espera que o texto-produto estabeleça interlocução com um possível leitor, tenha razões para ser escrito, parta do vivido e envolva a escolha de estratégias (GERALDI, 1991) –, compreendemos que as operações efetuadas pelo sujeito com e sobre a linguagem podem,

eventualmente, de maneira mais ou menos voluntária, oportunizar a conquista da autoria. Essa, no entanto, quando emerge, não garante a homogeneidade do texto, como pretendemos mostrar ao retomar alguns conceitos no âmbito do diálogo existente, no interior do enunciado, entre diferentes vozes.

Quando falamos em atividades de reescrita cujo texto-fonte não está disponível para consulta, inevitavelmente falamos em, pelo menos, dois tipos de memória: a individual (psicologista), que nesse momento deixaremos em segundo plano, e a discursiva, entendida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 1983, p. 49-50).

Considerando que todo sujeito está inscrito em um contexto histórico dado antes dele e que o circunscreve, o discurso que ele constrói e o modo como ele interpreta o discurso do outro são localizados social, histórica e discursivamente. Isso porque o dizer não parte de quem o pronuncia, mas “surge de outros discursos, ao mesmo tempo em que aponta para outros” (PÊCHEUX, 1997, p. 77). Os sujeitos inserem-se, portanto, em formações discursivas, a partir das quais constituem seu lugar de fala.

Nesse sentido, a memória discursiva possibilita, em forma de remissões, a repetição. Nas palavras de Pêcheux (1983, p. 52), “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita [...]. Em uma relação dialética, o sujeito se constitui a partir desses elementos e neles age.

Na prática, qualquer discurso recorre a elementos da memória discursiva social para estimular a construção de sentidos específicos pelo seu receptor. Trata-se do dito no não-dito, daquilo que se encontra na ordem do interdiscurso, do produto do trabalho sobre outros discursos que podem ser modificados, conscientemente ou não, pelo enunciador.

Assim, funcionando como suporte semântico de um discurso, a memória discursiva garante uma regularidade (ou estabilidade) discursiva que, entretanto, é frágil, dada a possibilidade de que um novo acontecimento discursivo, derivado de um acontecimento histórico, invoque enunciados inéditos a partir da desestabilização da fala cotidiana. Por isso, os processos de significação são abertos e sujeitos à incompletude, ao equívoco e, portanto, à interpretação.

No contexto específico desse trabalho, assumindo que a palavra do outro que precede a palavra das crianças é, entre outras, a do autor do texto reescrito, entendemos que ao menos três posições poderiam por elas ser ocupadas no processo de redação do seu texto: ignorar o texto-fonte por escolha ou por incompreensão dele ou da proposta de escrita; decalcar (ainda que com alterações mínimas) o texto-fonte, o que pressupõe plena identificação com ele; e promover uma fala implicada, em que estaria previsto um (pequeno) afastamento do texto-fonte por parte do aluno que, engendrando-se, pudesse reformulá-lo de modo a dar a ver marcas do interdiscurso ou de seu repertório cultural.

No caso das crianças que não ignoram o comando de prova, retomamos as três espécies de repetição que, pensadas por Orlandi (2004), poderiam caracterizar o exercício desempenhado pelos alunos. São elas a repetição empírica, a repetição formal e a repetição histórica.

A primeira delas é marcada pelo “exercício mnemônico”, em que o indivíduo repete exatamente o que lhe foi endereçado. No domínio de nosso objeto de pesquisa, seria o caso de um ou mais alunos que tivessem conseguido reproduzir, fielmente, parte ou a totalidade do texto-fonte que compunha a sua avaliação.

A segunda delas particulariza-se pelo “exercício gramatical” em que o indivíduo reproduz o que leu ou ouviu de modo um pouco diferenciado, ou seja, mudando a ordem das frases ou exercendo a sinonímia, por exemplo. Seria o caso dos informantes promotores de deslocamentos e substituições de palavras apenas.

Finalmente, a terceira pressupõe interpretação. É a repetição histórica que “inscreve o dizer no repetível enquanto memória constitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso. Este, a memória (rede de filiações), que faz a língua significar” (ORLANDI, 1942, p. 70). Nesse caso, no interior das repetições o indivíduo formula seu enunciado, isto é, costura, ao texto original, outros discursos que traz à tona. Dessa forma, constitui-se enquanto autor, historicizando seu dizer. Aqui, o aluno exporia seu ponto de vista, revelando imagens e pressuposições, numa espécie de reformulação do texto-fonte.

Portanto, nos dados a serem analisados, se os exemplares de repetição empírica pertencem a alunos que se comportam como copistas, os exemplares de repetição histórica pertencem àqueles que se rebelaram e se autorizaram a criar.

Como, em trabalho anterior já mencionado (XXXXXX; YYYYYYYYYYYY, 2018, no prelo), embora não tenhamos mobilizado as categorias propostas por Orlandi (1942), notamos a predominância das repetições formal e histórica, duas coisas nos interessam nesse momento: observar os movimentos (ou transformações) recorrentes que as crianças fazem ao reescreverem um texto-fonte para além de cumprirem com os requisitos concernidos na reformulação parafrástica, e elaborar hipóteses sobre suas escolhas, verificando se elas dão pistas de um repertório cultural e configuram indícios de autoria.

Implicações do sujeito em reformulações parafrásticas

Os participantes de pesquisa foram submetidos a uma avaliação diagnóstica em fevereiro e a avaliações trimestrais em abril, agosto e novembro. Respectivamente, os textos-fonte reescritos foram “A rainha da bateria” (VILA, 2009), “João-de-barro” (SÓHISTÓRIA), “Maria Angula” (URIIBE, 1999) e “Uma festa muito esperada” (TOLKIEN, 2001).

O primeiro texto-fonte conta a história de Maria Luisa, uma jovem órfã de pai que foi proibida por uma mãe preconceituosa de frequentar a escola de samba localizada perto de sua residência. Após uma adolescência de sofrimento e reclusão, a jovem se casa com um antigo colega, tem com ele uma filha e se torna rainha da bateria de uma grande escola de samba.

O segundo texto-fonte narra a origem mítica do pássaro João-de-barro. Jaebé, rapaz de uma tribo do sul do Brasil, se apaixona pela moça mais formosa de sua tribo e se submete ao desafio de sobreviver a um jejum de nove dias para dar provas da força de seu amor. Quando o couro onde o jovem está colocado é aberto, ele se transforma no pássaro. Como o mesmo ocorre com sua amada, ambos se retiram para a floresta, onde constroem sua casa de barro.

O terceiro texto-fonte, por sua vez, narra a desventura da jovem Maria Angula que, por ser muito prepotente, acaba sendo vítima da vingança de sua vizinha. A fim de agradar seu marido, Maria frequentemente procura sua vizinha para que ela lhe dê conselhos culinários. No entanto, nunca reconhece a ajuda recebida. Descontente, a vizinha sugere que Maria roube o estômago de um morto caso queira preparar um caldo de tripas

maravilhoso para o companheiro. Tendo ouvido a colega, Maria Angula é assombrada durante uma noite inteira pelo defunto violado e, depois disso, nunca mais é vista.

Finalmente, o quarto texto-fonte é uma adaptação do primeiro capítulo do primeiro volume da trilogia “O Senhor dos Anéis” (composto por “A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”) (Tolkien, 2001). Em termos gerais, ele narra o dia de um evento promovido por Bilbo Bolseiro, herói de “O Hobbit” que, tendo voltado de sua jornada há sessenta anos, é reconhecido por sua riqueza e por não envelhecer. Em comemoração ao seu 111º aniversário, ele anuncia uma grande festa ao lado de seu primo Frodo, que vivia com ele e fora escolhido como seu herdeiro. Nessa ocasião, Bilbo anuncia que irá embora do Condado e, após breve discurso, coloca seu anel mágico e desaparece, causando algum alvoroço. Após longa conversa com o mago Gandalf, seu companheiro de aventuras, decide deixar o anel com Frodo – que, por sua vez, é aconselhado a não vestir a joia –, e parte.

Partindo da constatação de que crianças de oito anos se utilizam das quatro operações sistemáticas da escritura (GRÉSILLON; LABRAVE, 1983; GRÉSILLON, 2007) ao reescreverem textos de terceiros, introduzindo neles alguma alteração (XXXXXX; YYYYYYYYYYYY, 2018, no prelo), passamos a olhar para a recorrência com que algumas transformações foram efetuadas pelos participantes de pesquisa, agrupando-as.

Através do cotejamento entre os textos-fonte e os textos dos alunos, notamos, não necessariamente nessa ordem, quatro movimentos comumente desempenhado por eles: a substituição de termos que nomeiam objetos possivelmente incomuns no universo das crianças, a supressão de partes aflitivas da história, a demonstração de afeto pelos seus personagens e o que parece configurar uma tentativa de aproximação do texto à realidade do estudante, dando mostras de seu repertório cultural. Outros deslocamentos, como a atribuição de uma moral à história, apareceram em menor número. Em razão disso, por ora não serão examinados.

Embora esses movimentos tenham aparecido, em maior ou menor número, durante a reescrita dos quatro textos apresentados aos alunos, por ocasião deste trabalho, optou-se por relacionar cada um deles a uma das histórias e a um manuscrito mais emblemático.

Cumpre declarar que não julgamos produtivo atribuir juízos de valor às modificações realizadas pelos participantes. Nossa visada é analítico-descritiva, logo, não se trata de concluir pelo empobrecimento ou enriquecimento do texto-fonte quando da sua reescrita por crianças.

a) Substituição de termos que nomeiam objetos

O primeiro movimento recorrente quando da reescrita dos quatro textos-fonte apresentados aos alunos foi a substituição de termos que nomeiam objetos importantes no contexto da história original. Para exemplificá-la, apresentaremos um trecho do texto “A rainha da bateria” (VILA, 2009) com o qual cotejaremos a transcrição diplomática da reescrita do mesmo fragmento por duas crianças, J. e S., no quadro 1 a seguir.

Cumpre dizer que, nessa passagem do texto-fonte, o narrador explica que o gosto por MPB que a protagonista do conto nutre se deve à influência de seu pai, amante de nossos grandes artistas.

<i>Quadro 1: cotejamento entre o texto-fonte “A rainha da bateria” e a transcrição diplomática das reescritas produzidas por J. e S.</i>		
Fragmento de texto-fonte	Transcrição diplomática de fragmento de reescrita produzida por J.	Transcrição diplomática de fragmento de reescrita produzida por S.
Ele [o pai de Maria Luisa] os [discos dos nossos grandes artistas] passou para um iPod e deu de presente para a filha.	Seu pai lhe deu um aparelho que tocava várias músicas.	Então o pai dela pegou as músicas e colocou num chipe e deu para ela.

Nota-se que o termo “iPod”, presente na versão original do texto, dá lugar às expressões “aparelho que tocava várias músicas” e “chipe” nas produções de J. e S., respectivamente. Essa tendência se confirma quando, na análise das 29 reescritas da história, calcula-se que apenas 4 alunos fizeram uso de “iPod”. A hipótese é a de que se trata de um dispositivo incomum no universo das crianças selecionadas como participantes de pesquisa. Isso porque boa parte delas reside na periferia da zona oeste de São Paulo e provém de famílias pouco abastadas.

Se nossa hipótese estiver correta, trata-se de relativizar ponderações segundo as quais existem dois tipos de instrumentos avaliativos: aqueles cuja proposta de produção textual leva o aluno a expressar um posicionamento e aqueles em que não há espaço para

o aluno fazê-lo. O exercício de reescrita de textos de terceiros provavelmente pertenceria a esse último grupo. No entanto, o que se nota é o pronunciamento de uma visão de mundo por parte das crianças.

b) Supressão de partes aflitivas

A supressão de partes aflitivas da história original foi outro movimento recorrentemente efetuado pelos alunos durante a reescrita dos quatro textos-fonte. Como exemplo de uma dessas passagens, apresentamos, no quadro 2 a seguir, o trecho original de “Maria Angula” (URIBE, 1999) em que a protagonista vai até o cemitério e retira as tripas de um cadáver a fim de com elas preparar um caldo para o marido.

Quadro 2: trecho suprimido do texto-fonte “Maria Angula”

E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia mais ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e... Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero, arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo os beiços.

No caso, não há cotejamento entre versão original e reescrita infantil porque trata-se de um movimento de supressão. Nesse sentido, a investigação apontou que, numa turma de 29 alunos, apenas 6 deles mencionam o processo de violação do morto pela personagem.

Entendemos que, para que as crianças de fato reproduzissem o conteúdo original, em primeiro lugar seria necessário que depreendessem inequivocamente o texto lido e que não existissem espaços para a interpretação. Precisamente nesses espaços, exercitam-se as escolhas e, por conseguinte, a autoria.

c) Demonstração de afeto (ou falta dele) pelos personagens

Para exemplificar os casos em que, durante a reescrita do texto-fonte, investiu-se em demonstrações de afeto (ou falta dele) pelos personagens, utilizaremos o trecho original de “João-de-barro” (SÓHISTÓRIA) em que a amada de Jaebé pede à lua que o mantenha vivo e a transcrição diplomática desse mesmo fragmento na reescrita de A. O cotejamento pode ser observado através do quadro 3, a seguir.

<i>Quadro 3: cotejamento entre o texto-fonte “João-de-barro” e a transcrição diplomática da reescrita produzida por A.</i>		
Fragmento de texto-fonte	Transcrição diplomática de fragmento de reescrita produzida por A.	
A jovem apaixonada chorava e implorava à deusa Lua que o mantivesse vivo.	1 2 3 4 5	A moça pediu ajuda para a lua mágica. — Lua mágica faça que ele não morra ele é um rapaz inteligente legal e bonito gentil é assim que eu vejo ele.

Como se observa, a primeira alteração empreendida por A. em relação ao texto lido se dá no nível do tipo de discurso. Se, no texto-fonte, essa passagem está toda em discurso indireto, na reescrita da aluna ela é híbrida: parte se dá em discurso indireto e parte, em discurso direto. Cotejando o excerto de texto-fonte com o de reescrita, nota-se que os adjetivos atribuídos à Jaebé constituem argumentos. Extrapolando a versão original, A. apresenta o protagonista como sendo inteligente, legal, bonito e gentil, termos não empregados naquela.

Assim, para além do que efetua o autor de “João-de-barro”, a criança marca, textualmente, os motivos pelos quais a lua deveria proteger Jaebé e o leitor deveria simpatizar com ele. Nesse sentido, alguns alunos optam por atribuir “moço forte”, “corajoso”, entre outros, ao protagonista.

Em relação a essa atividade, outros exemplos poderiam ser dados. O pai da moça, que impõe regras ao casamento de Jaebé e o desafia, em nenhum momento tem sua

personalidade traçada pela versão original do texto. Entretanto, uma criança, por exemplo, atribui-lhe “bravo homem” e outra escreve que ele “não era uma boa pessoa”.

Mesmo tentando evitar um olhar valorativo sobre as operações realizadas por elas, cumpre dizer que suas alterações são bastante pertinentes com relação à totalidade do texto-fonte, cuja história apresenta um protagonista que, pressionado pelo futuro sogro a dar provas de seu amor, fica nove dias em jejum enquanto sua amada sofre. Essa prática do pai da moça poderia ter sido avaliada como uma maldade pelos estudantes.

d) Aproximação do texto ao que parece configurar uma outra realidade

Finalmente, o último movimento recorrente (e mais expressivo), durante o processo de reescrita pelos alunos, de que trataremos neste trabalho é a aproximação do texto (ou da história) ao que parece configurar uma outra realidade que não a narrativa.

Muitos exemplos poderiam ser mencionados nesse sentido. No contexto de “A rainha da bateria” (VILA, 2009), chama a atenção um caso em que a criança registra, no momento de referir-se à justificativa dada pela mãe da protagonista para não levá-la à escola de samba, “meninada de rua” em vez de “meninada de morro”, atualizando para a variante paulista a expressão adotada pelo autor carioca da versão original. No caso de “João-de-barro” (SÓHISTÓRIA), por outro lado, há reescritas em que o pedido de casamento feito por Jaebé é direcionado à amada, não ao seu pai, em um diálogo que sequer existe no texto-fonte. Em um desses exemplares a atualização vai além: em vez de o pretendente anterior a Jaebé ser desafiado a permanecer cinco dias em jejum, é preciso ainda que ele aguente não assistir à sua novela ao longo desse período. Finalmente, no caso de “Maria Angula” (URIBE, 1999), além de “atualizações” vocabulares, alterações na narrativa que a tornam mais verossímil também foram observadas. Bom modelo é a reescrita em que a protagonista não se casa aos dezesseis anos, mas aos dezoito.

Para exemplificar esse movimento efetuado por alguns estudantes, a seguir, na transcrição diplomática de um fragmento de texto redigido por M. quando da reescrita de “Uma festa muito esperada” (TOLKIEN, 2001), nota-se o acréscimo de um diálogo. Se,

no texto original, Bilbo, o protagonista, no dia de sua festa apenas recebe seus convidados e distribui para eles presentes, na reescrita de M. uma conversa entre eles é adicionada. As duas versões podem ser comparadas no quadro 4.

<i>Quadro 4: cotejamento entre o texto-fonte “Uma festa muito esperada” e a transcrição diplomática da reescrita produzida por M.</i>		
Fragmento de texto-fonte	Transcrição diplomática de fragmento de reescrita produzida por M.	
O grande dia chegou e Bilbo recebeu pessoalmente todos os convidados e distribuiu presentes para todos.	1 2 3 4 5 6	Ele estava muito ansioso para anunciar que o seu aniversário era hoje aí ele teve coragem e saiu de sua casa e subiu na cadeira e gritou: — O meu aniversário é hoje! E todo mundo falou: — Parabéns eeeee! De ale- gria. Ele serviu os convidados.

As reescritas mostram, portanto, que os alunos estão continuamente interpretando os textos dados a ler. No contexto de produção de enunciados, concordamos com Orlandi (1996) sobre a necessidade de que, mais do que isso, o sujeito insira seu dizer no repetível para ser interpretável, o que também acontece por ocasião dessas produções. Para a construção do autor, essa inscrição faz-se fundamental. Isso quer dizer que o autor se constitui não pela repetição como exercício mnemônico, mas como parte da história.

Palavras finais

Por tudo o que foi exposto, estamos em condições de assumir que, mesmo no tipo de atividade aqui descrito, de cunho predominantemente parafrástico, o modo como os participantes posicionam-se frente ao mundo se deposita no texto reescrito, gerando efeitos de sentido que, junto ao leitor, se configuram como autorais.

Isso porque, se não recriam a história que lhes foi contada em sua totalidade, as crianças também não deixam de interpretá-la e de se implicarem naquilo que dizem quando a reescrevem, historicizando-a.

Os gestos analíticos realizados mostram que movimentos recorrentes surgem nas produções de crianças convidadas a reescrever um texto-fonte. Entre eles, estão a substituição de termos que nomeiam objetos incomuns no universo dos alunos, a supressão de partes aflitivas da história, a demonstração de afeto pelos seus personagens

e o que parece configurar uma tentativa de aproximação do texto à realidade do estudante, dando mostras de seu repertório cultural.

Assim, entre repetir exatamente o que ouviu, repetir de maneira pouco diferenciada e repetir interpretando, as crianças tendem para o terceiro exercício.

Referências bibliográficas

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Orientações didáticas fundamentais sobre as expectativas de aprendizagem de língua portuguesa*. Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). São Paulo: Secretaria da Educação, 2013. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/963.pdf> Acesso em: 03 jun. 2017.

CAMPOS, Claudia Susana Dias Crespi de. A qualidade das narrativas infantis escritas: inferências e tergiversações. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/ling%20textual-Claudia%20Susana%20Dias%20Crespi%20de%20Campos.pdf Acesso em: 30 dez. 2017.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FIAD, Raquel Salek. Episódios de reescrita em textos infantis. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 38, p. 9-18, maio/ago. 2009. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_01.pdf Acesso em 30 dez. 2017.

FLÓRES, Onici Claro. Quando as crianças passam a entender que dois textos querem dizer o mesmo, ainda que as palavras neles contidas sejam diferentes? *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 37, p. 134-144, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/776>. Acesso em 30 dez. 2017.

FOUCAULT, Michel. (1969). O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel .*Ditos e escritos III*: Estética - literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FREUD, S. (1930) O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Volume 18. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-122.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística – equivalência, sinonímia ou reformulação. Tradução de João Wanderley Gerald. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 8, n. 8, p. 129-134, 1985. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744>. Acesso em 31 dez. 2017.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRÉSILLON, Almuth; LABRAVE, Jean-Louis. Avant-propos. In: GRÉSILLON, Almuth; LABRAVE, Jean-Louis. *Langages*. Paris: Larousse, 1983. p. 62-69.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: como ler os manuscritos modernos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUSSO, Angela Mari; DALLA-BONA, Elisa Maria. A reescrita do texto literário de alunos dos anos iniciais da escolarização. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 52, p. 69-84, abr./jun. 2014. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n52/05.pdf> Acesso em: 03 jun. 2017.

MARINHEIRO, Thaís Silva; BORGES, Fabiana Claudia Viana. Paráfrase e polissemia: produções textuais escritas na escola. *Nucleus*, Ituverava, v. 8, n. 1, p. 133-150, abr. 2011. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/549>. Consulta em 31/12/2017.

NÓBREGA, Maria José. Redigindo textos, assimilando a palavra do outro. *Revista Veras*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 22-34, 2011. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/3>. Acesso em 31 dez. 2017.

ORLANDI, Eni P. (1942) *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. (1983) Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Campinas/São Paulo: Pontes, 1999, p. 49 – 57.

POSSENTI, Sírio. Indícios de autoria. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.105-124, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10411/9677>. Acesso em 31 dez. 2017.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre a questão da autoria. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 32, p. 239-250, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19851> Acesso em 31 dez. 2017.

XXXXXX; YYYYYYYYYYYY. “Chatas, ricas e mimadas” – reescrita de textos por crianças. No prelo.

SANTOS, Janaina; CAVALCANTE, Valéria; LIRA, Jailton. O ensino da linguagem escrita no Ensino Fundamental: uma análise sobre a reescrita de contos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO SUPERIOR: SABERES, TECNOLOGIAS E OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO, 3., 2015, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/12/o-ensino-da-linguagem-escrita-no-ensino-fundamental-uma-analise-sobre-a-reescrita-de-contos.pdf>. Acesso em 25 out. 2017.

SÓHISTÓRIA. João-de-barro. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/joaodebarro/> Acesso em 03out. 2018.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. O senhor dos anéis. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

URIBE, Veronica. (Org.). Contos de assombração. São Paulo: Editora Ática, 1999.

VILA, Martinho. A rainha da bateria. Ilustrações de Marcelo D'Salete. São Paulo: Lazuli infantil, 2009.